



Mãos Solidárias e a construção do trabalho urbano

Mãos Solidárias e a construção do trabalho urbano

2025

EXPEDIENTE

A cartilha “Mãos Solidárias e a construção do trabalho urbano” é uma produção da Secretaria Nacional do Mãos Solidárias.

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva do Mãos Solidárias e não representa necessariamente a posição da FRL.

Junho de 2025

Créditos:

Redação e imagens

David Martins
Ezequiel Scapini
Marcelo Victorio
Rosa Negra
Mãos Solidárias Pernambuco
Marmitas da Terra Paraná

Revisão

Igor Felipe Santos

Diagramação e artes

Wilcker Moraes



SUMÁRIO

Apresentação.....	06
O que é o Mãos Solidárias.....	08
Objetivos do Mãos Solidárias.....	09
A nossa concepção de trabalho de base.....	10
As nossas ações.....	18
Como nos organizamos.....	24
A formação.....	27
A comunicação.....	28

Apresentação

“Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.”
Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*.

O conteúdo desta cartilha é produto da reflexão da prática da solidariedade ativa que militantes, voluntários e o povo organizado realizou nos últimos cinco anos. É o produto teórico da luta contra a Fome e a Pandemia que o governo fascista de Bolsonaro fez pesar sobre o povo, atingindo 33 milhões de pessoas vivendo a fome e mais de 700 mil mortes pela Covid-19.

A solidariedade ativa, marcada pela organização popular, resultou no desenvolvimento de novas formas de participação popular nas periferias urbanas, resolvendo problemas concretos como a fome, articulando rede de cozinhas, bancos de alimentos e hortas agroecológicas.

Construímos uma nova modalidade de formação de base com os agentes populares de saúde, de alimentação e de cultura, profundamente enraizados na Educação Popular e na Pedagogia do Movimento. Ainda na formação, construímos o Curso de Educação Popular para militantes, em espaços de acampamentos e assentamentos da reforma agrária, levando a Reforma Agrária Popular para as periferias urbanas.

Com a cartilha, que visa sistematizar esse processo, apresentamos o percurso da construção do Mãos Solidárias, o histórico e os objetivos dessa construção, com a perspectiva de reorganização da classe trabalhadora nas periferias sob um Projeto Popular de Brasil. Também apresentamos aspectos do método do trabalho de base, indicando atribuições de tarefas para os militantes, os voluntários e os agentes populares nos territórios de periferias.

Na segunda metade da Cartilha, a fim de que a cartilha seja um estímulo para a ação, apresentamos a metodologia de organização de cada uma das diferentes iniciativas e suas tarefas organizativas nas cozinhas populares solidárias, banco de alimentos, roçados solidários, hortas agroecológicas e jornada de alfabetização, ações fruto da nossa experiência ao longo desses anos.

E por fim, apresentamos uma proposta organizativa para as Brigadas do Mãos Solidárias, considerando a maior participação dos envolvidos, dividindo o poder de decisão e de responsabilidades. Essa cartilha não é receita ou fórmula, é um guia para a ação. É necessária para os momentos de reflexão e sistematização de quem constrói, considerando ajustes e novas elaborações. A organização da classe trabalhadora é tarefa para milhões.

Boa leitura!

Foto: Marcelo Victorio



O QUE É O MÃOS SOLIDÁRIAS



Foto: Rebeca Martins

O Mãos Solidárias é um projeto coletivo de organização e formação de consciência política do povo nas periferias dos grandes centros urbanos, construído pelos movimentos populares do campo e da cidade.

Este projeto se baseia na experiência coletiva de organização popular para a melhoria nas condições de vida do povo nas periferias por meio da Solidariedade, da luta por direitos e da formação política para elevar o nível de consciência política, cultural e educacional.

O horizonte coletivo é a construção de força social e política nas periferias urbanas, visando o engajamento do povo nas lutas por um Projeto Popular de Brasil. Fazemos parte do esforço de fortalecimento dos movimentos populares urbanos e também rurais, pois temos um papel na construção da Reforma Agrária Popular, via a alimentação saudável e acessível ao povo da cidade.

Temos um papel fundamental na luta por derrotar o Neoliberalismo e Neofascismo nas ruas e na institucionalidade, cultivando os valores humanistas e socialistas em contraponto ao individualismo, ao ódio e à indiferença diante a injustiça e a miséria.

OBJETIVOS

- A) Elevar o nível de consciência social, o nível cultural e educacional e a capacidade de organização da população que vive na periferia, onde o trabalho de base acontece;
- B) Contribuir para melhorar as condições de vida do povo desses territórios, por meio da solidariedade e das lutas por direitos, para que a população se organize na busca de solução dos problemas socioeconômicos que enfrentam;
- C) Contribuir para o fortalecimento dos movimentos, coletivos, associações e organizações populares que já existem nas periferias, o que representa um acúmulo de forças populares;
- D) Construção de força social e política na periferia urbana: necessidade que o povo se engaje na mudança do país;
- E) Contribuir para a formação da juventude nas comunidades periféricas e estimular a participação dos jovens na produção de projetos coletivos locais, em parceria com as organizações das comunidades;
- F) Incentivar e organizar atividades culturais na periferia;
- G) Organizar formas de comunicação de massa nas redes sociais (e fora delas): podcasts, rádios livres, boletins, folhetos, etc;
- H) Cultivar valores humanistas e socialistas;
- I) Derrotar o fascismo (extrema direita) e o neoliberalismo (luta institucional e luta de rua).

A NOSSA CONCEPÇÃO DE TRABALHO DE BASE



Foto: Marcelo Victorio

A nossa concepção de trabalho de base pode ser vista como um dos métodos de organizar o povo. Enquanto método, possui alguns caminhos que, acreditamos contribuir para o acúmulo do trabalho de base no mundo urbano, especialmente nas periferias.

Nossa concepção parte tanto de experiências anteriores construídas dentro do nosso campo político quanto do contexto da pandemia. Em relação ao primeiro ponto, partimos do pressuposto que não era mais possível encararmos a organização nas periferias como evento, isto é, a realização de um conjunto de atividades que não se dava de forma sistemática e com pouca inserção e permanência nos territórios que almejávamos organizar. Em relação ao segundo ponto, a situação da pandemia nos permitiu reafirmar que o movimento popular precisava se colocar e atuar para resolver os problemas do povo. Naquele momento, o principal problema era em relação à sobrevivência: era preciso não se infectar com a covid-19 e era preciso comer. Ou seja, era preciso não morrer nem de fome nem de doença.



Foto: Quentin Delaroche

Dessa perspectiva, foi possível construir ações em torno do tema saúde e da alimentação, já expostas no tópico anterior. Mas as ações não são o método em si, ainda que estejam contidas dentro dele. Método é uma forma de fazer, ou melhor, de organizar o povo que nos indica: quem queremos organizar, como organizar e para que queremos organizar. É claro que, de antemão, não tínhamos - ainda não temos - tudo exatamente respondido.

Por isso, reafirmamos a ideia do *fazimento*, pois é da prática, do cotidiano que extraímos e sistematizamos nossas principais lições. E, *quem faz*, possui papel primordial na construção do trabalho de base que nos colocamos.

O contexto da pandemia, diante de um Estado ausente para a população, dividiu essa em dois grupos: de um lado, os que podiam se proteger e sobreviver a partir das suas próprias condições e, de outro lado, aqueles que sem apoio e ajuda teriam condições ainda mais penosas de sobrevivência, considerando que essa divisão não seja tão estanque. Muitas vezes quem ajuda é também quem precisa. A noção de solidariedade emerge dessa situação. Quem tem um pouco mais contribui com quem não tem. A experiência do Mãos Solidárias conseguiu colocar esses dois grupos em movimento.

Portanto, de um lado, foi possível inserir em nossa dinâmica organizativa aqueles que víamos como voluntários (atuando nas cozinhas, por exemplo), e aqueles que demandavam por assistência.

OS VOLUNTÁRIOS E A ORGANIZAÇÃO NA PERIFERIA

Os voluntários, ainda que tivessem uma identificação com os nossos movimentos, não se viam como militantes. É difícil “rotular” quem é e quem não é militante e em nada contribui ficarmos numa classificação direta de cada pessoa. O que nos interessa entender é que militante é aquele que abraça uma causa e se responsabiliza por ela. Não é uma atuação eventual e de quando a vida permite.

O militante possui um compromisso com a transformação a ponto de isso ser uma das dimensões de sua identidade. Contudo, é preciso lembrar de quem é o foco da nossa atuação: os trabalhadores das periferias brasileiras. É a eles que cabe ser sujeito do seu processo de organização.

Ainda que nós, militantes já organizados e inseridos nos movimentos populares, estimulemos a organização popular, sendo povo também, nos interessa que mais pessoas se alcem à condição de militantes. Esses dois grupos se tornaram o foco de atuação do Mãos Solidárias, isto é, *quem organizamos* são os voluntários e moradores das grandes periferias.

A ORGANICIDADE PARTE DA AÇÃO

O *Como organizamos*, talvez seja o grande salto do nosso método. Primeiro, foi preciso criar uma organicidade que movimentasse ambos os grupos, mas não só. A organicidade precisava responder aquilo que foi e é o nosso objetivo principal: responder aos anseios do povo. Se o nosso objetivo foi o de procurar resguardar os mais pobres da fome e da doença, nossas ações deveriam acontecer nesse sentido.

Além disso, a organicidade precisa partir de uma tarefa concreta. Ou seja, não é só juntar as pessoas e debater, é preciso ter a ação concreta. É por meio da tarefa que cada militante se insere no movimento popular e se forja enquanto militante. É possível dizer que não existe militante “parado”, militante é aquele que faz. E a organicidade precisa responder a isso, a fazer com que um corpo de pessoas se movimente.



Foto: Mãos Solidárias Pernambuco

Em relação aos voluntários, os quais muitos se tornaram militantes no nosso campo político, foi preciso estabelecer uma forma de atração, ou seja, de contato num primeiro momento. Aqui entra o peso político do nosso campo, em especial do MST, cuja incidência consegue atingir e influenciar uma massa de pessoas não organizadas, mas que carregam uma perspectiva progressista.

Assim, quando convocamos pessoas interessadas em contribuir nas cozinhas ou nos roçados, tais atividades são o meio ou o instrumento que permite com que se atinja mais pessoas. Ou seja, ainda que tais ações sejam muito importantes e necessárias, elas não são o fim último. Não basta construir um roçado, por exemplo, somente entre nós militantes já organizados (e, muitas vezes, cansados).

O roçado precisa envolver pessoas para além de nós mesmos. E, vale dizer, se o roçado não é a ação que “cola”, tudo bem. O importante é construir ações que não se fechem em si mesmas, que contribuam para o nosso objetivo de melhorar a vida do povo e que tenham a capacidade de envolver pessoas para além do nosso círculo.

De nossa parte, enquanto militantes que constroem Mãos Solidárias ou realizam algum tipo de trabalho urbano, essa perspectiva de envolver voluntários não pode se perder, pois o horizonte é a organização política de mais pessoas.

Além disso, cabe a nós forjar com que tais pessoas saiam da condição de voluntários, com contribuições esporádicas, e se tornem militantes, assumindo o compromisso com a organização popular.

COMO FAZER

Aqui, entra um *passo-a-passo* do como fazer que é importante de se considerar. Primeiro, há a convocação por parte dos nossos movimentos populares. Segundo, é preciso que a atividade envolva em algo concreto, um por a mão na massa. Não é só uma reunião, é uma atividade em que o fazer é a finalidade principal. A exemplo do roçado, quem vai já sabe que precisará se envolver nas tarefas de capinar, plantar, colher, etc. Terceiro, ainda que o conteúdo prático tenha cunho relevante, é preciso ter momentos que tragam o contexto político da ação e que gerem integração entre os participantes. Quarto, é preciso manter o contato com quem foi.

Hoje em dia, já largamente utilizamos o whatsapp, sendo essa uma ferramenta importante. Contudo, é preciso criar uma periodicidade de ações. O grupo do whatsapp, ainda que contribua para comunicar sendo necessária sua criação, ele por si só não mobiliza e, especialmente, não gera vínculo. Quinto, é preciso apostar em outros espaços que sirvam como formas de formação, de organização, etc. Assim, quem vai no roçado também pode participar do Curso Realidade Brasileira, por exemplo.

De outro lado, há o *como organizar* aqueles que, sim, são a nossa perspectiva: a população das periferias brasileiras. Há aqui a preocupação em criar vínculos e ações nos territórios, o que já há algum tempo acumulamos. Não nos interessa investir em ações centrais que retirem do território quem nele more e atue. E, mais fundamentalmente, é preciso criar uma organicidade que propicie o envolvimento nas tarefas, na organização das ações e que faça com quem esteja nas comunidades tenha um papel ativo.

Por isso, construímos a figura do agente popular, seja de saúde, de alimentação, de cultura, etc. Agente é aquele age e, tão importante quanto doar as marmitas, é fazer com que todos se envolvam nessa construção. Mais uma vez, a cozinha e o banco de alimentos são o meio e não o fim das nossas ações. Em Pernambuco o banco de alimentos surge como uma forma de inserção e de organização do território. A partir dele, que está um local fixo, é que a comunidade se organiza para buscar e receber alimentos, para mapear as famílias e para preparar e distribuir as doações e as marmitas.

O banco de alimentos é o centro impulsionador do trabalho de base e, portanto, é preciso criar uma organização mínima que envolva quem se dispuser a participar e sempre com a perspectiva de envolver mais pessoas. A partir do banco de alimentos é possível criar núcleos de bases com determinado número de famílias, por exemplo, um núcleo de base por rua. O núcleo de base é peça-chave para que o banco de alimentos não se torne somente uma mera doação, mas envolva o maior número de pessoas e famílias na sua construção.



Foto: Marmitas da Terra (Paraná)



Foto: Ashley Melo

Ambos os processos precisam integrar um grupo maior, isto é, uma Brigada com atuação municipal. A brigada conforma um tipo de coordenação dos trabalhos de base nos diversos territórios e das diversas ações. É por meio dela que criamos o sentido de totalidade e que conformamos uma rede entre os territórios. Vale ressaltar, que as cozinhas e os bancos de alimentos precisam caminhar juntas.

As doações não podem chegar em uma cozinha e deixar as outras descobertas. Cabe à Brigada o papel de coordenar e formar uma rede entre os trabalhos realizados. É ela, portanto, que organiza o trabalho de base urbano em interlocução com os movimentos do nosso campo.

Tais experiências precisam caminhar para o acúmulo organizativo que almejamos, isto é, precisam avançar na organização do povo nas periferias urbanas. Por isso, o nosso esforço de, a partir da prática, é buscar sistematizar e desenvolver um método que torne o nosso fazer mais intencional.

Em síntese, nossa concepção de trabalho de base está alicerçada nos pontos a seguir:

A) Quem faz?

- a) Voluntários
- b) Agentes Populares
- c) Militantes voltados para o trabalho urbano

B) Como faz?

- a) Constrói ações que buscam resolver os problemas do povo: banco de alimentos, cozinhas, roçados, hortas comunitárias, cursinhos, etc
- b) Constrói organicidade territorial nas periferias a partir de tarefas e ações concretas
- c) Conforma Brigada municipal com o objetivo de planificar e conectar os diversos trabalhos

C) Para que faz?

- a) Organizar o povo nas periferias
- b) Fortalecer os movimentos populares do nosso campo político
- c) Construir um Projeto Popular para o Brasil

AÇÕES

As ações descritas abaixo são algumas das iniciativas que desenvolvemos ao longo da construção do Mãos Solidárias e do trabalho urbano com os movimentos populares do nosso campo.

AGENTES POPULARES



Foto: Erbeson Ribeiro

Inicialmente concebidos a partir do tema da saúde, os agentes se tornaram uma ferramenta do envolvimento nos territórios. Seja agente popular de saúde, de educação, de cultura, de economia solidária etc.

O agente é concebido como aquele que constrói algo e se responsabiliza em seu local de moradia. É uma forma de multiplicar lideranças, de encontrar aquelas pessoas mais dispostas dentro da comunidade, pois justamente são os que melhor conhecem os problemas do seu bairro e de cada família.

BANCO DE ALIMENTOS



Foto: Mãos Solidárias Pernambuco

Os bancos de alimentos são, ao mesmo tempo, um local e uma ação, tamanha a importância. São um local, pois são um ponto fixo no território onde se recebem os alimentos que serão doados. São uma ação, porque a doação de alimentos implica em mobilizar os moradores e gerar uma organicidade a partir da doação de alimentos.

Todo banco de alimentos precisa ter um projeto de funcionamento com escala e brigadas territoriais. O banco de alimentos é o eixo de atuação no território. Além disso, os bancos de alimentos de determinada cidade precisam atuar em rede entre os diversos bancos de alimentos territoriais, tendo o que se chama como “banco mãe” na sua condução.

É por meio do banco mãe que se forma uma coordenação dos bancos de alimentos e que é possível tirar regras em comum de acesso e distribuição dos alimentos. A perspectiva é que a comida doada chegue a todos os bancos de forma igualitária, sem um banco receber mais que outros. Tão importante quanto doar a comida, é formar uma organicidade na condução dos bancos de alimentos.

COZINHAS POPULARES

As cozinhas populares podem estar inseridas no banco de alimentos ou não. E foi por meio delas que o trabalho de base urbano pôde se territorializar e expandir ainda mais nossa atuação. Atualmente, é a principal iniciativa no combate à fome.

A concepção da Rede de Cozinhas Populares Solidárias é uma iniciativa construída à partir do campo popular e sob a concepção da cozinha como instrumento político.

Temos como objetivo:

- a)** levar comida e organização popular para as periferias das grandes cidades;
- b)** promover um espaço de encontro, organização e diálogo (formação da consciência);
- c)** realizar o trabalho de base urbano e acumular forças nas periferias;
- d)** articular campo e cidade na produção e comercialização de alimentos saudáveis.



Foto: Marmitas da Terra (Paraná)

HORTAS AGROECOLÓGICAS



Foto: Mãos Solidárias (Pernambuco)

As hortas urbanas surgem como contraponto à produção hegemônica de larga escala e com uso intensivo de agrotóxicos. Por meio delas, é possível aprofundar o tema da alimentação saudável e da produção agroecológica nas periferias e, além disso, é uma boa iniciativa para envolver voluntários na sua construção. Ainda que as hortas agroecológicas urbanas não suprem a demanda de alimentos das cozinhas, elas são um instrumento importante de organização coletiva e disputa em relação à produção e ao alimento que almejamos e em relação à proteção da natureza.

A horta é um espaço coletivo no qual se pode produzir alimentos por meio do trabalho voluntário de pessoas que vivem em determinado local ou comunidade (território).

Assim, por meio das hortas é possível:

- a) aproximar os moradores em vista de um objetivo concreto;
- b) desenvolver hábitos de vida mais saudáveis;
- c) ter contato com a terra (sentir-se parte da natureza);
- d) consumir alimentos saudáveis;
- e) exercitar a cooperação e o trabalho em equipe;
- f) ajudar a solucionar problemas ambientais e sanitários, ocupando terrenos abandonados, por exemplo;
- g) contribuir em ações da comunidade (mutirões).

ROÇADOS SOLIDÁRIOS

A experiência do Roçado Solidário tem a perspectiva de atrair pessoas para as Brigadas Territoriais a partir das vivências em agroecologia, contribuindo para a relação campo e cidade. No geral, atrai pessoas interessadas em conhecer os movimentos populares e/ou pessoas das comunidades envolvidas nas atividades das brigadas territoriais.



Foto: Moa Anjos

A experiência do Roçado Solidário tem a perspectiva de atrair pessoas para as Brigadas Territoriais a partir das vivências em agroecologia, contribuindo para a relação campo e cidade. No geral, atraindo pessoas interessadas em conhecer os movimentos populares e/ou pessoas das comunidades envolvidas nas atividades das brigadas territoriais.

JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO

A Jornada de Alfabetização parte da análise que 9,3 milhões (IBGE, 2023) de brasileiros são analfabetos. O nosso esforço na construção de turmas de alfabetização também parte da perspectiva de resolver os problemas do povo.

As turmas de alfabetização, além de pautar que a educação é um direito, propiciam a inserção no território. Por meio do método cubano de alfabetização “Sim, eu posso!”, pretende-se reduzir o índice de analfabetismo com a alfabetização de aproximadamente 20 mil educandos.



Foto: Rebeca Martins

COMO NOS ORGANIZAMOS



Foto: Olívia Godoy

A nossa organicidade parte da atuação no território. Assim, é a partir das nossas ações que a organicidade se estrutura, fazendo com que essa estrutura seja um meio para que as ações ocorram da melhor forma possível e, especialmente, envolva mais e mais militantes a partir de uma tarefa bem definida. Nosso objetivo não é suplantiar a organicidade dos nossos movimentos populares, mas garantir uma estrutura que seja eficiente para a realização do trabalho de base.

BRIGADA DE MILITANTES

A brigada reúne os militantes que compõem nossos movimentos populares com o objetivo de, conjuntamente, desenvolver e construir de forma articulada as diversas iniciativas que temos enquanto campo político. As brigadas precisam ser compostas por militantes que atuam em diferentes áreas: produção, saúde, cultura, educação, formação, entre outras.

É importante garantir que a brigada tenha coordenadores que se responsabilizem pela sua condução, assim como comunicadores que garantem com que as atividades e ações realizadas sejam, de fato, comunicadas. Cabe à brigada também estimular que as atividades envolvam e estejam abertas para os voluntários participarem, mesmo que esses tenham uma relação, inicialmente, fluida e pouco orgânica.

ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

As ações realizadas, como as cozinhas e os bancos de alimentos, propiciam com que se tenha uma organização territorial que se estrutura a partir de uma necessidade concreta. É preciso que, por meio de tais iniciativas, se forme uma organicidade, na qual os principais envolvidos são os moradores dos territórios. Por exemplo, a partir dos bancos populares e do cadastramento das famílias foi possível criar núcleos de base. O núcleo de base é o principal articulador de famílias de determinada rua, por exemplo.

Assim, um banco de alimentos pode ter, por exemplo, 10 núcleos de base, cada um composto por 7 a 10 famílias. Além disso, a organização em rede das cozinhas tem se mostrado um instrumento importante de organicidade territorial, fazendo com que as cozinhas não sejam um ponto sozinho em determinado território, mas uma atuação conjunta, na qual cada cozinha contribui com a construção da outra.

ORGANIZAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

Ainda que os voluntários tenham, inicialmente, uma relação mais fluida com os trabalhos realizados e, além disso, não sejam os principais atendidos nas ações, é preciso não perder de vista a importância de manter atividades que atraiam esse grupo de pessoas.

Assim como, não podemos deixar de proporcionar com que tenham uma atuação mais orgânica. Atividades como o roçado solidário são uma forma de atrair pessoas que de alguma forma queiram contribuir e tenham confiança na atuação dos nossos movimentos populares.

Contudo, se não mantermos um ritmo de atividades, delegando tarefas somente para os já militantes e para a organicidade territorial, acabamos não conseguindo atrair pessoas com perspectiva progressista e dispostas ao fazer.

Foto: Leonardo Henrique



FORMAÇÃO

FORMAÇÃO DE AGENTES POPULARES

A formação de agentes populares tem sido uma ferramenta importante de inserção e de conscientização nos territórios. Com conteúdo voltado para temas importantes (saúde, alimentação, cultura, etc.) e com foco na capacitação, a formação dos agentes populares abre condições para a formação de lideranças nos territórios e a multiplicação do conhecimento para os demais moradores.

Além disso, possui como marca a educação popular e a pedagogia de Paulo Freire, na qual a formação parte da palavra do oprimido.

VIVÊNCIAS

Em nossa atuação também realizamos as vivências em áreas da reforma agrária com voluntários e referências comunitárias para experiência de trabalho voluntário na produção de alimentos e rodas de conversa.

O objetivo também incluiu a apresentação do Mãos Solidárias como espaço organizativo e construção de vínculos. Além do trabalho no roçado, nesses encontros debatemos a produção agroecológica e alimentação saudável como ação e bandeira da luta política pela dignidade do nosso povo.

CURSO DE EDUCAÇÃO POPULAR

O Curso de Educação Popular é um processo formativo mais denso e voltado à militância que assume a construção do Mãos Solidárias.

Nesse curso é abordado a nossa concepção de Educação Popular e trabalho de base, bem como nosso método e estratégia organizativa para o fortalecimento da organização popular das periferias.

COMUNICAÇÃO

A comunicação é indispensável para fortalecer nosso trabalho. Essa ferramenta pode ampliar seu alcance e inspirar cada vez mais pessoas a se engajarem em nossa causa.

Comunicar é sobre contar histórias, construir uma memória coletiva e afirmar que outro mundo é possível, onde a solidariedade e a organização popular transformam realidades.

Comunicamos para dar visibilidade às lutas e ações nas periferias urbanas. Mostramos o impacto das Cozinhas, Roçados, Bancos de Alimentos, Hortas Agroecológicas e da nossa Jornada de Alfabetização. Assim como também denunciemos as desigualdades, os desmontes de direitos e as ausências de políticas públicas nestes lugares.

Nosso comunicar não é feito de cima para baixo. Ele pode e deve ser feito por todos e todas de forma acessível, respeitosa e mobilizadora. Contamos histórias com fotos, vídeos e depoimentos das pessoas que participam de nossos atos e ações.

Além disso, os comunicadores têm um papel estratégico neste trabalho. Por meio de redes sociais e grupos de whatsapp, podemos formar novas redes, disputar narrativas e reforçar a identidade do Mãos Solidárias.

É importante, então, que todos e todas se reconheçam como comunicadores populares em cada postagem, em cada conversa e em cada imagem compartilhada.

Siga nossas redes!

Página nacional: maossolidariasnacional

Alagoas: maossolidarias.al

Bahia: maos_solidarias_ce

Maranhão: maossolidarias.ma

Minas Gerais: maos_solidariasmg

Paraíba: maossolidariasparaiba

Paraná: marmitas_daterra

Pernambuco: maossolidarias.pe

Rio Grande do Norte: maos.solidarias.rn

São Paulo: maossolidarias.sp

Sergipe: maos.solidarias.se



**FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO**
BRASIL E PARAGUAI